# Património de fachada em Barcelos

Francisco Queiroz

TÍTULO
Património de fachada em Barcelos

AUTOR
José Francisco Ferreira Queiroz

CONCEPÇÃO DO PROJECTO
HistóriaSábias – Associação Cultural

DESIGN EDITORIAL
Diana Vila Pouca

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS
Greca – Artes Gráficas

EDIÇÃO
Município de Barcelos

DEPÓSITO LEGAL
496996/22

ISBN
978-989-8987-11-2

© É vedada a reprodução não autorizada de texto e imagens, ao abrigo da legislação em vigor.

Todas as fotografias actuais são do autor, salvo menção em contrário.
Imagens antigas cuja proveniência não seja indicada em legenda pertencem à colecção do autor ou a outras colecções privadas.

AGRADECIMENTOS
Cláudio Brochado, Cristina Moscatel, José Eduardo Reis, José Pedro Tenreiro, Mario Baeck, Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar, Câmara Municipal do Porto.

# Património de fachada em Barcelos

Francisco Queiroz

# Sobre o autor

Francisco Queiroz nasceu em Gaia no ano de 1973. Historiador de arte, fez na Universidade do Porto todo o seu percurso académico. É investigador do ARTIS-IHA/FLUL e também do CEPESE, onde concluiu o Pós-doutoramento em 2014, passando a integrar a respectiva Direcção. Tendo o Romantismo como cronologia preferencial de pesquisa, especializou-se na arte tumular desse período, sendo hoje também uma referência no estudo de outras expressões artísticas tipicamente românticas, como a azulejaria de fachada, os ferros decorativos, os estuques e a pintura mural. Em termos temáticos, abarcando várias cronologias, o autor pesquisa sobretudo o Urbanismo e a Arquitectura (erudita e vernacular, urbana e rural), tendo leccionado estes temas ao longo de quinze anos a alunos do curso de Arquitectura da ESAP. Mais recentemente, leccionou temas correlacionados na Universidade dos Açores, como docente convidado. Alguns dos seus trabalhos centram-se também nos critérios de intervenção no Património Edificado, na reabilitação integrada de Centros Históricos e no impacto do Turismo. Paralelamente, tem feito pesquisa sobre Fotografia, Genealogia e História da Família, e História Local. A actividade de investigação de Francisco Queiroz – individualmente, ou em colaboração – materializou-se já em numerosos livros e em mais de uma centena de artigos científicos ou comunicações em congressos. Em 2011 fundou o Grupo Saudade Perpétua, dedicado ao Romantismo em Portugal, sendo actualmente Presidente da Direcção da HistóriaSábias – Associação Cultural.

# Apresentação

O Património de fachada pode ser entendido como o conjunto de todos os valores patrimoniais cuja existência nas frontarias dos edifícios mereça ser assinalada, salvaguardada e valorizada, atendendo ao seu interesse histórico e artístico, raridade, singularidade ou carácter identitário – em conjunto ou individualmente. Com isto não estamos a pressupor que o valor patrimonial de um qualquer edifício seja necessariamente mais relevante na fachada principal do que nos demais alçados, ou do que no seu miolo. Pelo contrário: em vários casos, sucede precisamente o inverso. Por conseguinte, o conceito de Património de fachada não pode ser tomado como justificador do que se convencionou chamar de "fachadismo". O Património de fachada é, simplesmente, a vertente do Património arquitectónico mais livremente fruível, sendo quase sempre a única componente da Arquitectura que podemos apreciar em qualquer altura, a partir de praças, ruas e travessas – sejam os edifícios em causa de carácter público ou privado. Nesse sentido, o Património de fachada assume um papel determinante na percepção generalizada do que se considera típico no edificado de cada localidade.

Ao longo da História da Arquitectura Europeia, ainda que muitos edifícios residenciais tenham recebido o maior investimento artístico em certos espaços do interior, a frontaria era quase sistematicamente objecto de particular cuidado. Aliás, pelo facto de se constituir como o rosto do edifício – portanto, a parte do mesmo que era feita para ser vista por todos – a fachada principal geralmente concentrava maior profusão de ornato, ou apresentava materiais de melhor qualidade face aos demais alçados. O nível de aparato de uma frontaria residencial sugeria ao transeunte qual o grau de aparato do interior, interior esse ao qual geralmente não podia aceder. Portanto, não surpreende que, em vários edifícios para habitação, a frontaria apresentasse bastante mais ostentação do que a mais distinta das divisões interiores, correspondendo a um desejo de projecção social que se servia precisamente da imagem impressiva passada do edifício para o público. Daí a expressão pejorativa: "é só fachada!". Este fenómeno foi mais comum nos séculos XVII e XVIII, correspondendo ao período Barroco, mas é-nos revelado também por edifícios residenciais de um intervalo temporal mais amplo, que se baliza entre finais da Idade Média e meados do Século XX – portanto antes das alterações conceptuais que o Modernismo trouxe à Arquitectura.

Em suma, sendo as fachadas geralmente a parte mais visível dos edifícios históricos em mãos de privados, constituem a vertente do Património edificado que o público mais percepciona como sendo, de algum modo, também sua. São ainda a vertente do Património edificado que mais facilmente pode ser apreciada e transmitida, sem condicionalismos de acesso ou de horário, moldando no público uma certa imagem arquitectónica da localidade. Portanto, o

Património de fachada não é tanto um conceito intrínseco ao conceito de Património – que há muito rejeita uma visão fraccionada dos edifícios históricos, mas mais um conceito prático, quase na "óptica do utilizador" do Património.

É claro que o facto de serem sobretudo as fachadas a moldar no público a imagem arquitectónica dos sítios, tem servido como uma das justificações para o aludido fachadismo. Quem solicita, elabora ou aprova projectos de arquitectura para zonas edificadas com certa antiguidade, tende a escudar-se nisso mesmo, menosprezando a importância patrimonial do miolo dos edifícios – até porque o miolo, à partida, pode condicionar muito mais as eventuais alterações que se pretendam fazer no edifício para o guindar aos padrões de conforto contemporâneos. Contudo, enfatizar o Património de fachada – como neste volume é assumido – não só não implica legitimar o fachadismo como metodologia de intervenção em edifícios antigos, mas até coloca em crise tal prática. De facto – e isso tem-se visto nas últimas décadas nos principais centros históricos portugueses – com Lisboa e Porto à cabeça – o fachadismo não respeita necessariamente todos os valores patrimoniais que compõem as frontarias, até por nem sempre haver noção clara de quais são esses valores e de qual a sua efectiva importância. Aliás, mesmo no que diz respeito às frontarias, o fachadismo tende a resvalar para uma baixa – ou mesmo nula – adequação às recomendações gerais de preservação patrimonial; sem que, com isso, deixe de cumprir as normas legais, como se essas recomendações fossem *a priori* prejudiciais à vertente económica do projecto e pouco relevantes para a questão do valor de mercado do edifício após a reabilitação. É que, em muitos casos, o fachadismo passa também por uma purga dos elementos decorativos e funcionais que foram sendo acrescentados à estrutura da fachada ao longo dos tempos; purga essa fundada, por um lado, no minimalismo em voga (com clara filiação no Modernismo do século XX), e, por outro, na intenção de corrigir supostas dissonâncias. Ora, ainda que o pressuposto da correcção de dissonâncias faça sentido em termos estéticos, na prática permite justificar a remoção de quase tudo o que, na fachada, não seja estrutural; ou então, quando a tutela se assume como mais rigorosa e cuidadosa e impede essa remoção sempre que não haja justificação plausível para tal, tende a ser tolerada a substituição por réplicas, colocando em risco a autenticidade e a própria função de certos elementos na fachada. E o maior ou menor nível de alteração / remoção de elementos nas fachadas depende também do quão minimalistas e alinhados com a moda querem ser os projectistas, assim como do quão treinados foram durante a sua formação académica para respeitarem o trabalho arquitectónico que os seus antecessores deixaram no edifício.

Por ser o lado sempre visível, sempre fruível dos edifícios, o Património de fachada assume grande potencial para melhor compreensão do Património arquitectónico em geral e para o mais aprofundado conhecimento sobre a história de um lugar. Contudo, sendo muitos dos detalhes das fachadas de carácter vernacular, com pequena escala, e por vezes tendo tido funções que entraram em desuso, a investigação publicada sobre os mesmos não tem sido suficiente para que, na prática, se aproveite tal potencial. Por outro lado, o Património de fachada tende a ser depreciado e negligenciado pelo próprio público, que quase o toma como garantido na imagem dos núcleos urbanos ou rurais com algum tipo de protecção patrimonial, e que geralmente o encara como um mero cenário para aquilo que, turisticamente, tende a ser mais valorizado, e que são os interiores das igrejas, conventos, palácios e museus; onde são habituais os discursos museológicos próprios, às vezes propositadamente construídos para o visitante que vem de fora, e até algo redutores. Ora, no que diz respeito ao Património de fachada, muito raramente as entidades com responsabilidades

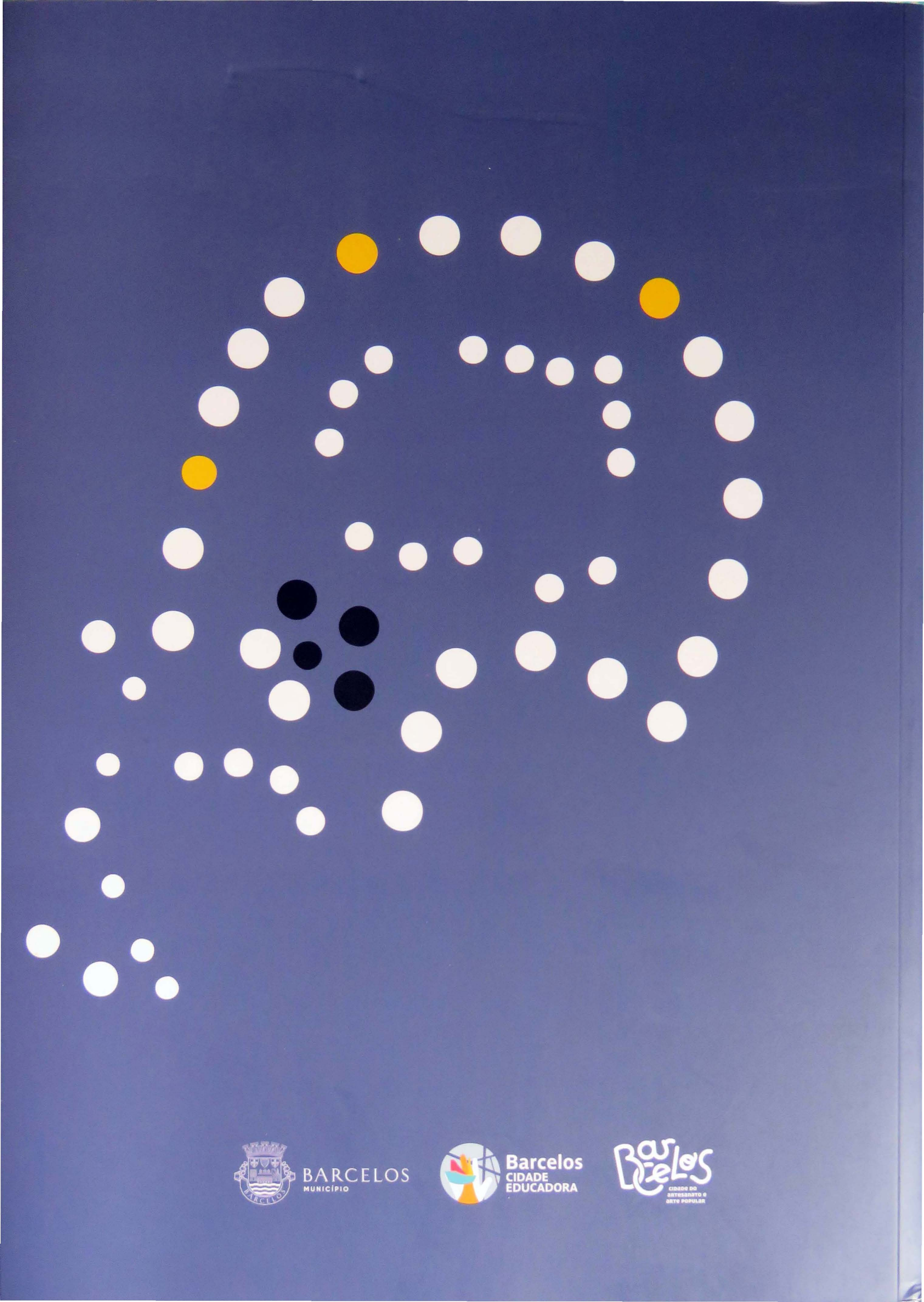
na gestão do Património arquitectónico – sejam nacionais, regionais, municipais, ou até entidades privadas – têm construído um discurso patrimonial coerente e acessível ao público.

Nesse sentido, o volume que aqui se apresenta aspira a trazer algo de inovador na abordagem: no tocante a Barcelos, não se substitui aos livros que destacam os monumentos mais importantes e que resumem a sua história; antes apresenta o mais relevante do lado mais visível, mais fruível e mais identitário do Património edificado da zona histórica da cidade – que são as suas frontarias – problematizando-o, explicando-o e confrontando-o, no tempo e no espaço, com outros exemplos ou com modelos de inspiração. Em suma, há neste volume uma clara vertente pedagógica mesclada com a abordagem científica. Embora constitua uma espécie de catálogo explicativo do Património de fachada do Centro Histórico de Barcelos, pode ser também usado quase como um manual, favorecendo a sensibilização para os riscos e a tomada de consciência sobre boas práticas. Aliás, quanto mais este volume vier a ser usado como um manual, seja em Barcelos ou noutros locais, mais os seus propósitos serão atingidos.

Em termos de conteúdos, este livro decalca o volume mais pequeno e bilingue, destinado ao grande público, intitulado "Fachadas de Barcelos" [1], ainda que apresentando bastante mais imagens, numerosos exemplos de Património de fachada e algumas explicações mais aprofundadas sobre alguns desses exemplos. Note-se que, em ambos os volumes publicados no âmbito deste projecto editorial, optámos por não incluir exemplos com menos de cem anos, salvo raras excepções e a título meramente ilustrativo. Por outro lado, é possível que existam algumas falhas e imprecisões, visto que a execução deste livro foi prejudicada por algumas dificuldades. A primeira, e mais importante, foi o prazo bastante curto para conclusão de todo o processo de pesquisa e de escrita. Esse prazo curto impediu também a captura de imagens em alguns edifícios que se encontravam em obras e com as frontarias tapadas. No caso de um edifício em Barcelinhos, situado ao lado do antigo quartel de bombeiros, incompreensivelmente a fachada encontra-se tapada há mais de dez anos, de modo que não pudemos apresentar aqui detalhe da interessante caixilharia do seu vão principal.

Resta-nos expressar a gratidão ao Município de Barcelos, por nos ter dado a oportunidade de partilhar em livro vários resultados preliminares de uma linha de pesquisa pessoal que já leva anos, resultados esses que, até aqui, nunca haviam sido publicados.

O autor.



BARCELOS
MUNICÍPIO

Barcelos
CIDADE
EDUCADORA

Barcelos
CIDADE DO
ARTESANATO E
ARTE POPULAR